DOIS VILARINHOS. CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES NAS MONOGRAFIAS DE JORGE DIAS SOBRE VILARINHO DA FURNA

por

João Leal*
Luísa Gonçalves**

Resumo: Este artigo centra-se nos primeiros anos da pesquisa etnológica de Jorge Dias (entre 1941 e 1948). Procede a uma análise comparativa entre a sua tese de doutoramento sobre a aldeia de Vilarinho da Furna (Serra Amarela) — defendida em 1944 na Universidade de Munique — e o livro — editado em 1948 — *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*. Mostra como, ao lado de continuidades, há importantes diferenças entra a tese e o livro. Estas últimas — relativas por exemplo à tematização do "comunitarismo" ou à caracterização do temperamento dominante entre os furnenses, prenunciam tendências que se virão a tornar estruturantes na pesquisa ulterior de Jorge Dias.

Palavras-chave: História da Antropologia; comunitarismo; Jorge Dias; Vilarinho da Furna.

Abstract: This article focuses on the early years of Jorge Dias' ethnological research (1941 to 1948). It makes a comparative analysis between his doctoral thesis centred on the village of Vilarinho da Furna (Serra Amarela) — presented in 1944 at the University of Munich — and the book *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (published in 1948). It shows how, alongside continuities, there are important differences between the thesis and the book. The latter — relating, for example, to the thematisation of "communitarianism" or the psychological characterisation of the Furnenses — foreshadow trends that would become important in Jorge Dias' later research.

Keywords: History of Anthropology; communitarianism; Jorge Dias; Vilarinho da Furna.

* CRIA (UNL). Email: joao.leal@fcsh.unl.pt.
** Departamento de Antropologia, FCSH (UNL). Email: luisa.caetano.goncalves@gmail.com.

Uma das linhas de força da pesquisa de António Jorge Dias (1907-1973) sobre Portugal foi a sua tematização do comunitarismo agro-pastoril, conceito que ele próprio cunhou (Dias, 1953)[1]. Não é que esse não fosse até aí um tema ausente na etnografia portuguesa. Entre outros, Rocha Peixoto (1866-1909) (Peixoto, 1967 [1908]) ou Tude de Sousa (1874-1951) (e.g. Sousa, 1907-1908; 1909) já tinham escrito sobre ele[2]. Mas foi com Jorge Dias que o comunitarismo agro-pastoril foi integrado de forma duradoura, não apenas na etnografia e na antropologia das comunidades rurais portuguesas, mas também em reflexões mais genéricas sobre a cultura portuguesa.

A peça mais conhecida desse interesse de Dias pelo tema do comunitarismo é *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (1953), uma monografia sobre uma aldeia de Trás-os-Montes — Rio de Onor — que se tornará local de peregrinação para arquitetos — como Sérgio Fernandez (1963) — cineastas — como António Campos (1922-1999) (Campos, 1974) — ou antropólogos — como Joaquim Pais de Brito (1996).

VILARINHO DA FURNA

Mas antes de Rio de Onor houve Vilarinho da Furna[3]. Foi aí que, entre 1941 e 1947, Jorge Dias descobriu o comunitarismo agro-pastoril. Embora este conceito ainda não fosse então usado por Dias, foram os aspetos comunitários da vida económica e social de Vilarinho que mais captaram a atenção de Dias na sua pesquisa sobre esta aldeia da serra Amarela (Alto Minho). Este interesse por Vilarinho é anterior a 1941, uma vez que data das "vagabundagens" juvenis de Jorge Dias e dos seus companheiros — com destaque para Ernesto Veiga de Oliveira (1910-1990) e Fernando Galhano (1904-1995) — pelas montanhas do norte de Portugal. Mas foi no quadro da sua descoberta da etnologia — ocorrida em 1941 — que Vilarinho da Furna se tornou no primeiro grande tema de pesquisa de Jorge Dias.

---

[1] Este artigo insere-se no projeto "Histórias da Antropologia em Portugal (1940-1970)", desenvolvido no âmbito da linha de investigação "Políticas e Práticas da Cultura" do CRIA. Agradecemos ao Dr. Paulo Costa — diretor do Museu Nacional de Etnologia — e à Dr.ª Alexandra Oliveira — bibliotecária do Museu Nacional de Etnologia — o apoio prestado à pesquisa de que resulta o presente artigo. São também devidos agradecimentos à Dra. Mariana Correia, investigadora do CRIA, que conduz um projeto de doutoramento sobre o Arquivo Etno-Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia (Museu Nacional de Etnologia), que procedeu à identificação da autoria das fotografias publicadas no livro de Jorge Dias sobre Vilarinho da Furna (Dias, 1948a). Agradecemos também à Dra. Inês Cara d'Anjo, da Biblioteca da FCSH (UNL), pela ajuda prestada na localização da única cópia existente em Portugal da tese de doutoramento de Jorge Dias sobre Vilarinho da Furna.

[2] Para uma bibliografia completa dos estudos sobre comunitarismo anteriores a Jorge Dias, ver Pereira (1965: 254-257).

[3] Para uma análise detalhada das monografias que Jorge Dias consagrou a Vilarinho da Furna e Rio de Onor ver Lupi (1984: 65-217).

Essa descoberta teve lugar na Alemanha, onde Jorge Dias foi sucessivamente leitor de português nas Universidades de Rostock (1938-1939), Munique (1939-1942) e Berlim (1942-1944). Foi lá – mais precisamente em Munique — que se enamorou e casou com Margot Schmidt Dias (1908-2001), com quem viria a ter três filhos (dois dos quais nascidos ainda na Alemanha). E foi Margot quem lhe mostrou que a etnologia era o caminho adequado para transformar o seu gosto pelas "vagabundagens" numa profissão remunerada. Como Dias escreveu a Ernesto Veiga de Oliveira em julho de 1942, a etnologia "é para nós uma possibilidade única porque nos dá liberdade para andarmos meses pelas serras e campos, com a certeza de ter o pão garantido na sociedade dos homens". Em novembro de 1942 volta a insistir: "a Etnografia permite-nos viver pelos montes e pelas aldeias, sem termos um patrão, livres como desejamos e com a vantagem de termos uma recomendação do ministério e um ordenado todos os meses" (*in* Leal, 2008: 503).

Foi na sequência desta sua descoberta da etnologia que Jorge Dias iniciou, em 1941, a sua pesquisa em Vilarinho da Furna. O seu objetivo era realizar a tese de doutoramento na Universidade de Munique, sob a orientação de Gerhard Rohlfs (1891-1996), um prestigiado romanista que se havia especializado no estudo da dialetologia popular (Gemelli, 1990; Leal, 2023). Para tanto, aproveitava as férias escolares alemãs para realizar a sua pesquisa de campo sobre Vilarinho, que dará por concluída em 1943. A correspondência de Dias para o Instituto de Alta Cultura (IAC) — de quem dependiam os leitores de português no estrangeiro — mostra o seu empenho, a partir desse ano, na redação da tese, que será escrita em português e que terá o título de *Vilarinho da Furna. Um Povo Autárquico da Serra Amarela* (Dias, 1944; ver Leal, 2023)[4]. É porque quer finalizar e defender a tese que Jorge Dias — apesar dos bombardeamentos aliados na Alemanha — regressa em dezembro de 1943 ao leitorado de Berlim, fazendo também frequentes deslocações a Munique, onde vivia Margot Dias e onde estava o seu orientador (Leal, 2023). Como afirmou Karin Dias — filha de Jorge Dias — em entrevista, "o meu pai só ficou lá [na Alemanha], porque aqui não havia a possibilidade de acabar uma coisa que ele gostava de fazer e para ele o que era mais importante era o trabalho, não a política" (Dias, Karin, 2021).

Por isso, uma vez a tese defendida — em março de 1944 — Jorge e Margot Dias já não veem vantagem na sua permanência na Alemanha e regressam a Portugal, ficando a viver em Lavadores (Vila Nova de Gaia). Este regresso de Dias a Portugal não começou, entretanto de forma auspiciosa (como é mais detalhadamente mostrado no artigo "De Regresso a Portugal. Onze Cartas de Jorge Dias para Mendes Correia" [1947-1950],

[4] A tese consta de 71 páginas datilografadas. Cada página contem aproximadamente 1.000 palavras, pelo que a extensão total da tese deverá rondar as 71.000 palavras. Para se ter uma ideia mais aproximada, essas 71.000 palavras equivalem a cerca de 106 páginas em word, TNR, corpo 12, 1,5 linhas de intervalo. Apenas a página final — que consta de uma curta biografia de Jorge Dias e dos agradecimentos – foi escrita em alemão.

publicado neste número dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*). Convencido que o seu doutoramento alemão – que nunca foi reconhecido em Portugal[5] — lhe abriria as portas da investigação ou da docência universitária, Jorge Dias vê-se confrontado com obstáculos vários para a concretização desse seu objetivo. Por isso — como solução de recurso — optou por regressar ao seu ofício de leitor de português, desta feita em Santiago de Compostela (1944-1946) e em Madrid (1946-1947), até que, no verão de 1947, é contratado como bolseiro do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (CEEP) — dirigido por Mendes Correia (1888-1960) — do qual ficará Secretário e onde assegurará a direção da Secção de Etnografia. Três anos depois do seu regresso da Alemanha, o seu sonho começava finalmente a tomar forma.

Ao CEEP, Jorge Dias não chegava, entretanto, de mãos vazias. Embora circunscrita ao período das suas férias escolares, a sua pesquisa em Portugal — realizada a suas expensas — tinha continuado e estaria na origem da publicação, em 1948, dos seus dois primeiros livros: *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (1948a) e *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* (1948b)[6]. Enquanto este último era o resultado de uma pesquisa original que se estendeu por todo o território nacional, a monografia sobre Vilarinho retomava a sua tese de doutoramento na Universidade de Munique, embora introduzindo-lhe algumas modificações importantes, resultantes de investigação adicional realizada por Dias. É justamente essa transformação de Vilarinho/tese (Dias, 1944) em Vilarinho/livro (Dias, 1948a), que este artigo pretende abordar[7].

DOIS VILARINHOS 1

Essa transformação não colocou radicalmente em causa nem a estrutura geral da tese — que foi para todos os efeitos um dos primeiros estudos de comunidade realizados no sul da Europa — nem os aspetos mais importantes da informação e dos argumentos apresentados por Dias em 1944. Não obstante, há entre os dois Vilarinhos — tese e livro — diferenças relevantes, tanto do ponto de vista da forma, como do ponto de vista do conteúdo. Colocá-las em evidência é uma forma de acompanhar os passos iniciais do processo de amadurecimento antropológico de Jorge Dias após o seu regresso a Portugal.

---

[5] Por isso, Jorge Dias só terá o grau de doutor em 1965 — vinte e um anos depois do seu regresso da Alemanha — depois de submeter, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, uma tese de doutoramento sobre os macondes de Moçambique, correspondente ao primeiro volume da monografia sobre esta etnia moçambicana (*Os Macondes de Moçambique. Aspetos Históricos e Económicos*) (Dias, 1964).

[6] Nesse período Jorge Dias realizaria também pesquisa sobre a transumância e sobre os abrigos pastoris das serras do Alto Minho (Dias, 1951a; 1951b).

[7] Para uma abordagem mais desenvolvida das transformações na passagem de Vilarinho/ tese para Vilarinho/livro, ver Gonçalves (2023).

Do ponto de vista formal, *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (1948a) embora mantenha em grande parte intacta a arquitetura global de *Vilarinho da Furna. Um Povo Autárquico da Serra Amarela* (1944), procede, entretanto, a algumas modificações. Umas são menores. Por exemplo, a ordem por que são organizados os diferentes capítulos não é a mesma em *Vilarinho da Furna. Um Povo Autárquico da Serra Amarela* (1944) e em *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (1948a). Capítulos que estavam desdobrados na tese aparecem unificados no livro. É o que se passa com o Capítulo III do livro — "A Construção e os Utensílios" — que junta os capítulos IV — "Construções" — e VII — "Utensílios Domésticos" — da tese. Outros capítulos mantêm-se, mas mudam de nome, como acontece com o capítulo I da tese — "Situação Geográfica" — que no livro é rebatizado "Quadro Natural". Outras mudanças são mais significativas, como acontece com a introdução de novos capítulos. Entre eles avulta o capítulo — da autoria de Margot Dias — "Cancioneiro Musical" (que na tese era apenas uma secção do capítulo "Festas"). E há também dois novos capítulos finais — da autoria de Jorge Dias — intitulados respetivamente "O Homem-Tipo Físico, Fisionomia e Conceção de Vida" e "Conclusão". Finalmente, o livro inclui também um prefácio redigido por Orlando Ribeiro (1911-1997). Nele, Ribeiro não poupa elogios a Dias, sublinhando com particular ênfase a importância do caminho por ele trilhado: "o das monografias, dos estudos circunscritos, mas conduzidos em profundidade, espécie de sondagem através das camadas da vida popular. *Pela primeira vez entre nós se monografa uma aldeia*" (*in* Dias, 1981 [1948a]: 15; os itálicos são nossos).

Estes ajustamentos na arquitetura global de Vilarinho/livro são acompanhados por outras mudanças no *layout* da monografia. Na tese, a bibliografia aparecia maioritariamente colocada no final de cada capítulo e era relativamente exaustiva. No livro, a bibliografia está dispersa pelo texto, geralmente sob a forma de notas de rodapé. Se algumas dessas notas retomam autores e livros já citado na tese, muitos são omitidos. Em contrapartida, são acrescentadas algumas novas referências, relacionadas, por exemplo, com o *background* histórico de Vilarinho da Furna ou com a preocupação de Dias em encontrar paralelos etnográficos entre Vilarinho e outros contextos etnográficos europeus. Mas a principal dessas mudanças formais tem a ver com a inclusão de fotografias e de desenhos — facto que o prefácio de Orlando Ribeiro enfatiza elogiosamente. Os desenhos são da autoria de Fernando Galhano, ao passo que as fotografias foram tiradas por Jorge Dias e por Álvaro Dias de Almeida – primo da primeira esposa de Jorge Dias (Madalena Dias de Almeida) – que se dedicava então à fotografia. Essa combinação de texto, fotografias e desenhos etnográficos tornar-se-á uma imagem de marca das monografias produzidas por Jorge Dias e pelos seus companheiros.

O significado de algumas destas mudanças deve ser sublinhado. As contribuições de Fernando Galhano, Margot Dias e Álvaro Dias de Almeida mostram como, mesmo antes

da ida de Dias para o CEEP, a sua pesquisa era já uma pesquisa de equipa – equipa a que se juntarão mais tarde Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira (1928-2020). Este facto é sublinhado no prefácio de Orlando Ribeiro ao livro, onde escreve ser a participação de Fernando Galhano e Margot Dias (Álvaro Dias de Almeida não é referido) na pesquisa de Jorge Dias "um facto pouco vulgar entre nós", ilustrador do "espírito de 'équipe', hoje imprescindível na recolha, ordenação e aproveitamento dos materiais de estudo" (*in* Dias, 1981 [1948a]: 17).

A contribuição de Margot Dias — pianista com formação académica em música, obtida na Alemanha — deve em particular ser sublinhada. De facto, esta é a primeira de muitas colaborações que Margot irá desenvolver com o seu marido. Algumas delas situam-se ainda na área da etnomusicologia — à semelhança do seu estudo sobre o cancioneiro musical de Vilarinho da Furna. É o caso da sua pesquisa sobre o mesmo tema em *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (*in* Dias, 1953: 381-446), dos seus estudos sobre a encomendação das almas (Dias e Dias, 1950; 1956), do capítulo que escreveu para *A Arte Popular em Portugal* sobre "A Dança e a Música" (1968) e, mais tarde, das suas pesquisas etnomusicológicas em Moçambique (Dias, Margot, 1986). Outras revelam — como mostrou Catarina Alves Costa (1997; 2007; 2016; 2022) — que eram mais latos os conhecimentos e ambições antropológicas de Margot Dias. De facto, para além do papel pioneiro que teve — aquando da sua pesquisa entre os macondes — no desenvolvimento do filme etnográfico em Portugal (Costa, 1997), foram de grande importância as suas contribuições para a monografia sobre o mesmo grupo étnico (usualmente considerada uma das principais realizações de Jorge Dias). Esta desdobra-se em quatro volumes, dois dos quais — *Os Macondes de Moçambique Cultura Material* (1964) e *Os Macondes de Moçambique. Vida Social e Ritual* (1970) — são da autoria conjunta de Jorge e Margot Dias[8], que foi ainda a autora ou a coautora de varias outras publicações sobre os macondes e sobre outras etnias de Moçambique (e.g. Dias e Dias, 1972; Dias, Margot, 1965).

Quanto ao prefácio de Orlando Ribeiro, testemunha da importância que o geógrafo português teve no percurso pessoal e intelectual de Jorge Dias. Não sabemos quando os dois se conheceram — se antes, se imediatamente depois do regresso de Dias a Portugal. Seja como for, na sua tese apresentada à Universidade de Munique, Orlando Ribeiro — e os seus artigos "L'Habitat Rural au Portugal" (1938) e "Villages et Communautés Rurales au Portugal" (1940) — ocupam lugar de destaque na bibliografia do capítulo sobre "Organização Social", onde o tema do comunitarismo é mais demoradamente tratado. Logo após o seu regresso a Portugal, em 1945, Orlando Ribeiro propõe Dias para bolseiro do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,

[8] O primeiro volume — *Os Macondes de Moçambique. Aspetos Históricos e Económicos* (Dias, 1964) — é da autoria de Jorge Dias e o quarto volume — *Os Macondes de Moçambique, Sabedoria, Língua, Literatura e Jogos* (1966) é da autoria de Manuel Viegas Guerreiro.

com o objetivo de "estudar a vida comunitária no norte de Portugal"[9], mas ao pedido não será dado seguimento pelo Instituto de Alta Cultura (IAC). Isso não impedirá que, a convite de Orlando Ribeiro, Jorge Dias não se envolva na organização do Congresso Internacional de Geografia (Lisboa, 1949) para o qual redigiu o livro *Minho, Trás-os-Montes, Haut Douro* (Dias, 1949) e no qual apresentou duas comunicações — uma sobre os abrigos pastoris das serras do norte de Portugal (1951a) e outra sobre a transumância (1951b). E também não impedirá que Orlando Ribeiro não se tenha batido, desde finais dos anos 1940, para que Jorge Dias fosse contratado como professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (o que, entretanto, só sucederá em 1956).

Entre os dois estabelece-se uma sólida amizade pessoal e intelectual, que só parece ter arrefecido em 1967, quando Jorge Dias, de regresso do seu ano sabático no Center for Advanced Studies in the Behavioral Sciences da Universidade de Stanford (EUA), foi afastado — sem seu conhecimento prévio — da docência na Faculdade de Letras de Lisboa, onde foi substituído por Manuel Viegas Guerreiro. Perdia assim fulgor uma relação de grande cumplicidade, testemunhada tanto pela correspondência frequente entre ambos (depositada no Arquivo Jorge e Margot Dias, Museu Nacional de Etnologia)[10], como pela influência que algumas ideias de Orlando Ribeiro tiveram na obra de Dias. É o caso, nomeadamente, da divisão tripartida de Portugal — Mediterrânico, Atlântico, Transmontano — proposta por Ribeiro em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945), que será retomada e aprofundada por Dias em *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* (1948b) e nos seus importantes ensaios "Algumas Considerações acerca da Estrutura Social do Povo Português" (1990b [1955]) e "Tentâmen de Fixação das Grandes Áreas Culturais Portuguesas" (1990c [1960]).

É justamente essa cumplicidade — então nos seus passos iniciais — que leva Jorge Dias a convidar Orlando Ribeiro para prefaciar *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* e a aceitar alguns dos conselhos que ele lhe dá para a sua revisão[11].

DOIS VILARINHOS 2

A par destas modificações formais, a transformação da tese no livro sobre Vilarinho envolveu também mudanças de conteúdo, relativas tanto à informação publicada, como a alguns dos argumentos de Jorge Dias.

---

[9] Relatório Anual do Centro de Estudos Geográfico de 1945, Arquivo do Instituto Camões, PT/MNE/CICL/ /IC-1/03201/08, Doc. 44/2.

[10] Arquivo Jorge e Margot Dias, MNE, pasta JD4/3 (3).

[11] Carta de Orlando Ribeiro para Jorge Dias de 1948 (s/d), Arquivo Jorge e Margot Dias, MNE, pasta JD4/3 (3).

Uma dessas mudanças prende-se com a ampliação da informação etnográfica. Isso é particularmente evidente — como foi antes referido — em relação ao cancioneiro musical. Mas em muitos capítulos há informação nova que é disponibilizada. Nalguns casos, essa informação resulta do reconhecimento de factos que provavelmente já estariam em Vilarinho aquando do trabalho de campo de Dias para a tese, mas que, por uma razão ou por outra, foram então deixados de lado.

Assim, no capitulo "As Construções e os Utensílios" do livro é incluída uma referência às cabeceiras e às tabaqueiras, objetos esses nos quais se poderia vislumbrar, segundo Dias, um pouco de atenção estética. No capítulo "O Pastoreio — Vezeiras e Lacticínios", é descrito o processo de castração dos animais e existe ainda uma secção sobre as marcas de cada família e os nomes dos currais. No capítulo "A Alimentação – o Pão", é introduzida uma pequena secção dedicada à batata e às abelhas e a descrição dos arados que aí figura integra os resultados da pesquisa de Dias sobre *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens* (Dias, 1948b) E outros exemplos poderiam ser dados, relativos, por exemplo à concetualização da morte entre os furnenses e à encomendação das almas (capítulo "Crença Popular — Religião, Superstições, Doenças e Remédios") ou ao celibato total e ao casamento tardio como estratégias para evitar a crise da superpopulação (capítulo "O Homem-Tipo Físico, Fisionomia e Conceção da Vida").

Noutros casos, entretanto — e esse é um dos aspetos importantes na transformação de Vilarinho/tese em Vilarinho/livro — a ampliação da informação etnográfica resulta de mudanças entretanto ocorridas em Vilarinho da Furna. Alguns exemplos dessas mudanças — tal como foram registadas por Dias – podem ser dados.

A mais significativa é referida no capítulo "O Pastoreio — Vezeiras e Lacticínios", em que Jorge Dias constata o aumento do número de cabeças de gado em Vilarinho desde a II Guerra Mundial. Este facto, segundo o autor, poderia ser visto como indício de que haveria uma tendência "individualista" e "gananciosa" — que Jorge Dias associa à "modernidade" — surgida durante a guerra e que, caso se instalasse nas mentes dos furnenses, poderia levar ao fim do modo de vida comunitário:

> *Os pastos de Vilarinho têm até hoje alimentado os gados de todos, porque se não desenvolveu entre eles o espírito individualista, acompanhado da ambição que lhe é peculiar, pois nesse dia a organização comunitária está seriamente ameaçada. Este aumento formidável do número de cabeças em quatro anos é já um sintoma pouco tranquilizador* (Dias, 1981 [1948]: 115).

Outras mudanças são igualmente registadas, relativas a "tradições" — para citar a terminologia de Jorge Dias — que já se "perderem" ou que estão em vias de se "perder". Assim, no capítulo "Festas, Danças, Instrumentos. Jogos e Desportos", Dias assinala o

quase desaparecimento das flautas feitas e tocadas pelos pastores de Vilarinho (Dias, 1981 [1948]: 218), vendo-o como uma consequência dos fenómenos migratórios. No mesmo capítulo, na seção sobre a batida ao lobo — definida como uma importante atividade "comunal" (Dias, 1981 [1948]: 222) e descrita em tom épico — Jorge Dias menciona que o emprego cada vez mais comum de venenos para matar os lobos poderá levar ao declínio das batidas "tradicionais", por serem menos práticas e eficientes. Isso revelaria, segundo o autor, um sacrifico do pitoresco pelo prático que seria uma das consequências — avaliada negativamente — da modernidade (Dias, 1981 [1948]: 225-226). No capítulo "Cancioneiro Musical", Jorge e Margot Dias advogam que a utilização de alto-falantes em muitos lugares acabou com a participação ativa do povo, não havendo a transmissão das músicas tradicionais para as gerações mais novas, e introduzindo novos estilos musicais vindos de outras regiões, como o fado, que se sobrepõem aos estilos musicais autóctones.

Tão importante quanto esse levantamento de "percas e danos", é o tom nostálgico — por vezes revoltado — que o acompanha, expresso na enfatização do seu impacto negativo na vida social e cultural de Vilarinho e associado a uma crítica da modernidade "individualista" e "gananciosa". Assim, comentando as ameaças de corrosão da organização comunitária em Vilarinho da Furna, Dias exemplifica com as consequências negativas do regresso dos emigrantes:

> *Dá-se às vezes o caso de um vizinho regressar, depois de dez anos de permanência no estrangeiro, onde luta ferozmente pela existência, com esse espírito prático e ambicioso, que caracteriza a nossa época. Então, bem depressa surgem a miséria e os ódios, a minar a organização comunitária, só possível enquanto todos vivem unidos por um conceito de vida à base da moral da fraternidade. No momento em que um, explora desumanamente o seu conterrâneo, com as habilidades e o dinheiro adquiridos barato noutras paragens, está lançado o germe do mal, e paz desaparece para ser substituída pela concorrência individualista* (Dias, 1981 [1948]: 115).

O mesmo tom nostálgico é usado para comentar o desaparecimento dos tocadores de flauta pastoris: "*Infelizmente*, até os tocadores de flauta vão desaparecendo, e hoje poucos pastores se lembram ainda de levar para a serra, a que foi *companheira das horas de solidão dos seus antepassados*" (Dias, 1981 [1948]: 218; os itálicos são nossos). Ainda sobre o mesmo tema, Jorge Dias reitera a influência negativa da emigração em Vilarinho, uma vez que os emigrantes, "ao regressarem (…) julgam ridículos os usos e costumes locais" (1981 [1948]: 218). Outro exemplo desse tom encontra-se no capítulo "Festas, Danças, Instrumentos, Jogos e Desportos", no qual o autor, ao falar do declínio das batidas coletivas de lobos, comenta: "e lá se vai mais um dos *grandes espetáculos*

que, sem espetadores, se representava ao vivo, naquele *grandioso cenário de montanhas rochosas e matagais bravios*" (1981 [1948]: 225; os itálicos são nossos).

Outra mudança importante na passagem da tese para o livro tem a ver com a ampliação das preocupações comparativas de Jorge Dias, baseada — como foi antes referido — na sua preocupação de estabelecer paralelos etnográficos entre Vilarinho e outros contextos etnográficos europeus.

Assim, no capítulo "As Construções e os Utensílios", Jorge Dias refere não apenas a distribuição dos canastros na Península Ibérica, como faz ainda referência ao trabalho do etnógrafo polaco Eugeniusz Frankowski (1884-1962) sobre o tema, sustentando que a origem do canastro será remota e pré-romana. No mesmo capítulo é feita ainda menção ao facto de a buzina de corno de boi, utilizada pelo zelador para chamar a junta, ter sido trazida da Ásia e datar de tempos neolíticos, sendo referenciado para tal o livro *Volksundeder Schweiz* do etnógrafo suíço Richard Weiss (1907-1962). No capítulo "Crença Popular — Religião, Superstições, Doenças e Remédios" a prática de velar os mortos é apresentada como uma realidade que remontaria aos povos indo-europeus, socorrendo-se Dias para esse efeito de contribuições do mitógrafo e folclorista alemão Eugen Mogk (1854-1939). No mesmo capítulo, na secção sobre esconjuros, os *nubeiros* da Galiza são mencionados como tendo práticas semelhantes às existentes em Vilarinho. São também incluídas referências a James Frazer (1854-1941) e ao seu livro *Les Origines Magiques de la Royauté,* ou a Johannes Huizinga (1872-1945) e a *Homo Ludens, El Juego como Elemento de la Historia* (1948a: 219), que não apareciam na tese.

Mas são sobretudo duas as modificações mais importantes na passagem de *Vilarinho da Furna. Um Povo Autárquico da Serra Amarela* (1944) para *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (1948a). Uma delas tem que ver com a estabilização da terminologia empregue por Dias para designar a organização económica e social de Vilarinho da Furna. De facto, enquanto na tese são utilizadas as designações de "aldeia comunalista" (Dias, 1944: I), "povos comunalistas" (Dias, 1944: I), "organização comunalista" (Dias, 1944: I), "usos comunitários" (Dias, 1944: I), "fase comunitarista" (Dias, 1944: I), "sistema coletivista" (Dias, 1944: 3), "vida comunalista" (Dias, 1944: 10), "organização coletiva" (Dias, 1944: 30)[12], as designações presentes no livro valorizam uma terminologia construída a partir do substantivo/adjetivo "comunitário(a)". Embora surjam expressões como "aspetos da vida comunal" (Dias, 1981 [1948]: 223), "organização coletiva" (Dias, 1981 [1948]:

[12] A mesma oscilação terminológica encontra-se em Rocha Peixoto. De facto, o seu artigo "Survivances du Régime Communautaire au Portugal. Abrégé d'une Monographie Inédite" (1967 [1908]) teve duas outras versões, ligeiramente diferentes, em português. No título destas, em vez de "regime comunitário", Rocha Peixoto opta por expressões como "formas de vida comunalista" e, até "comunismo" (ver a este respeito a nota de rodapé de Flávio Gonçalves publicada na primeira página da reedição de 1967 de "Survivances du Régime Communautaire au Portugal" (Gonçalves *in* Peixoto, 1967 [1908]: 330).

180) ou "hábitos comunalistas" (Dias, 1981 [1948]: 180), são mais correntes expressões como "organização comunitária" (Dias, 1981 [1948]: 19), "sobrevivências comunitárias" (Dias, 1981 [1948]: 19), "focos comunitários" (Dias, 1981 [1948]: 20), "organização social comunitária" (Dias, 1981 [1948]: 20), "traços comunitários" (Dias, 1981 [1948]: 20), "usos comunitários" (Dias, 1981 [1948]: 21), "laços comunitários (Dias, 1981 [1948]: 23)", "povo comunitário" (Dias, 1981 [1948]: 26), ou "vida comunitária" (Dias, 1981 [1948]: 38).

A outra modificação importante na transformação da tese sobre Vilarinho em livro prende-se com a tentativa de caracterização psicológica da cultura de Vilarinho da Furna para que o livro abre. Esses intuitos psicologistas são particularmente evidentes nos capítulos sobre "Festas, Danças, Instrumentos, Jogos e Desporto" e sobre o "Cancioneiro Musical". Em ambos os casos o acento é na "austeridade" e na "introversão" do temperamento dos furnenses, frequentemente contrastado com a feição mais "alegre" e "extrovertida" dos camponeses das regiões ribeirinhas minhotas. Assim, no capítulo sobre "Festas, Danças, Instrumentos, Jogos e Desporto", Dias — no seguimento do que havia escrito sobre vestuário na tese — sublinha a natureza menos festiva dos serranos: "em Vilarinho, ao contrário do Minho da ribeira, só a mocidade dança. Depois duma certa idade, a *austeridade* de carácter impede as pessoas de se entregarem a esses prazeres profanos" (Dias, 1981 [1948]: 217; os itálicos são nossos) O mesmo acento na "austeridade" é retomado a propósito da pouca expressão dos "jogos de competição e destreza" entre os furnenses, decorrente da "*austeridade* do temperamento do serrano de Vilarinho" (Dias, 1981 [1948]: 217; os itálicos são nossos). Segundo Dias, de facto,

> *O serrano não participa desta natureza expansiva dos povos da ribeira (...). O serrano é concentrado, pouco expansivo, quase nada sensual; é sóbrio e solitário, e domina-o a tendência ascética a que não é estranha a natureza granítica, desolada e varrida de ventos agrestes, por onde decorre o seu destino de pastor-lavrador* (Dias, 1981 [1948]: 214).

Também no capítulo "Cancioneiro Musical", Jorge e Margot Dias voltam a referir o espírito mais introvertido e menos criativo dos furnenses, que tornaria a expressão musical local de pouca relevância, em comparação com o resto do Minho: "Vilarinho é uma ilha de montanha no meio do grande mar minhoto. (…) O que podemos confirmar é que a música desta aldeia serrana não é um elemento tão vivo como na restante região do Minho, a que pertence" (Dias, 1981 [1948]: 234). Seria mais uma vez "a sua conceção de vida, *mística e severa*" que afastaria os furnenses "da vocação musical" (Dias, 1981 [1948]: 233; os itálicos são nossos).

Deve também ser sublinhado o modo como nos capítulos do livro intitulados "Crença Popular — Religião, Superstição, Doenças e Remédios" e "O Homem-Tipo

Físico, Fisionomia e Conceção de Vida", Jorge Dias tenta uma caracterização de conjunto das formas de religiosidade dominantes em Vilarinho e da conceção do mundo que lhes subjaz.

DEPOIS DE VILARINHO

As modificações de conteúdo que temos vindo a registar são importantes a dois títulos. Por um lado, porque testemunham de uma vontade de aperfeiçoamento da tese que se deve provavelmente a duas razões. A primeira resulta da urgência que Dias colocou na entrega da tese na Universidade de Munique. Como ele próprio escreveu no seu relatório de 1943-44 para o IAC, na sequência da destruição do Instituto para Portugal e Brasil (que alojava o leitorado português da Universidade de Berlim) pelos bombardeamentos aliados no início de 1944,

> *resolvemos ir até Munique, tentar, num esforço desesperado, concluir o doutoramento, que a nossa transferência para Berlim tinha interrompido. Tudo indicava que os aliados fariam um desembarque na Europa, o que podia representar um corte das comunicações com Portugal, e resolvemos, portanto, levar a cabo o doutoramento em péssimas condições de trabalho*[13].

Serão algumas das falhas — informativas e analíticas — da tese, resultantes da urgência em apresentá-la e discuti-la, que o livro tenta de alguma forma colmatar. Talvez seja essa por essa razão que *Vilarinho da Furna. Um Povo Autárquico da Serra Amarela* (Dias, 1944) não tenha sido incluído na bibliografia oficial de Jorge Dias, publicada no I Volume de *In Memoriam Jorge Dias* (1974: 21). A segunda razão prende-se com algo que já assinalámos anteriormente: a ampliação de leituras, entretanto realizada, por Dias, particularmente daquelas que irão conferir um cunho mais comparativo a *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (Dias, 1948a).

Mas a importância das modificações introduzidas em Vilarinho/livro por referência a Vilarinho/tese tem sobretudo que ver com o modo como algumas delas prefiguram tendências que se virão a revelar estruturantes na pesquisa posterior de Jorge Dias. É o se passa com o tom nostálgico em que são registadas as transformações recentes na vida social e cultural de Vilarinho. Esse tom resulta — como é sublinhado no artigo "De Regresso a Portugal. Onze Cartas de Jorge Dias para Mendes Correia (1947-1950)" (publicado neste número dos *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*) — do primado

[13] Relatório da Atividade do Leitorado de Berlim no Ano Letivo de 1943/44, Arquivo do Instituto Camões, PT/MNE/CICL/IC-1/01377/04, doc. 61.

atribuído pelo grupo de Jorge Dias ao que é mais arcaico. Isso imprimirá às pesquisas do Dias e seus companheiros um carácter de "etnografia de urgência". Esta não só priorizava o registo de expressões da vida popular vistas como condenadas ao desaparecimento, como será consistentemente marcada pelas saudades desses *disappearing worlds* que tanto os fascinavam.

É também o que se passa com a dimensão comparativa de Vilarinho/livro. Na produção posterior de Dias e dos seus companheiros essa será também uma constante. Num primeiro momento, Dias privilegiará o estabelecimento de paralelos e contrastes etnográficos com Espanha, em particular com a Galiza. Posteriormente essa perspetiva comparativa alarga-se para outros horizontes, como o Brasil (Leal, 2021). E estende-se também a outros contextos europeus, dada até a inserção das pesquisas de Dias nos projetos de Atlas Etnográficos da Europa, que foram de grande importância na etnologia europeia dos anos pós II Guerra Mundial, designadamente no âmbito da Commission Internationale de Arts et Traditions Populaires (CIAP)[14]. Embora presente noutros artigos e monografias, foi sobretudo em *Espigueiros Portugueses* (Dias, Oliveira e Galhano, 1963) e em alguns dos artigos que Veiga de Oliveira consagrou às festividades cíclica (Oliveira, 1984) que esta dimensão comparativa da etnologia de Jorge Dias e da sua equipa ganhou a sua expressão mais vincada.

Quanto à estabilização da terminologia empregue por Dias para designar a organização económica e social de Vilarinho da Furna como "comunitária" conhecerá o seu epílogo — como foi referido inicialmente — em *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (1953). Ao acento anterior em comunitária(o) e/ou comunitarismo, junta-se então a especificação "agro-pastoril". É também nessa monografia que Jorge Dias procede a uma enumeração mais geral dos factos comunitários portugueses, que retomará posteriormente na entrada "Comunitarismo", escrita para a primeira edição do *Dicionário da História de Portugal* (Dias, 1963). Estes compreenderiam, por um lado, formas de propriedade coletiva da terra — os baldios, as "lamas do boi" (1953: 19) — de animais — o "boi do povo" (1953: 30) — e de instrumentos de produção, como "fornos, lagares, moinhos" comuns (1953: 20). Incluiriam, por outro lado, formas de "fruição comum dos baldios" (1953: 20) associadas à pastorícia, como os "rebanhos comuns" e as "vezeiras" (1953: 19). E estariam finalmente associadas — sobretudo nos casos mais completos de "organização comunitária em Portugal" (1953:19), como seriam Vilarinho da Furna e Rio de Onor — a uma "rígida organização comunitária, que regula meticulosamente todas as atividades públicas" (1953: 20)[15].

---

[14] A CIAP era uma organização dependente da UNESCO — da qual Dias foi secretário-geral entre 1954 e 1957 (Rogan, 2015) — que, no pós-II Guerra Mundial, agrupava os etnólogos europeus interessados no estudo das sociedade rurais.

[15] Nas monografias sobre Rio de Onor e Vilarinho esta "rígida organização comunitária" — designada-

A essa enumeração dos principais traços do comunitarismo agro-pastoril junta-se a sua caracterização geográfica, que sublinha a importância destas formas de organização comunitária no norte de Portugal, em particular no Alto Minho e na Terra Fria transmontana. Ao mesmo tempo que se apoia na bibliografia disponível, essa geografia do comunitarismo agro-pastoril resulta também das inúmeras excursões realizadas nessas duas regiões por Jorge Dias e pelos seus companheiros[16]. Foi no quadro destas que se deu, logo em 1944 (Dias, 1953: 16), a opção pelo estudo de Rio de Onor, onde Jorge Dias viveu "muitos meses em anos sucessivos" (Dias, 1953: 12). Como ele próprio escreveu, "em nenhuma outra aldeia se encontram todas estas características [do comunitarismo agro-pastoril] juntas como em Rio de Onor" (Dias, 1953: 20).

É também em *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (1953), que Jorge Dias propõe a sua interpretação historicista do comunitarismo, em que um "critério evolucionista" (1953: 23) — que sublinha a importância da propriedade coletiva nos estágios iniciais de evolução da humanidade — se conjuga com ideias difusionistas, que retêm a importância de formas de organização comunitária entre populações autóctones da Península, reforçada pelas "primeiras invasões indo-europeias" — designadamente de "populações célticas" (1953: 26) — e, posteriormente, pelas "invasões de alanos e suevos" (1953: 27)[17].

Por fim, as preocupações com a psicologia coletiva furnense antecipam o interesse de Jorge Dias por aquilo que a antropologia culturalista norte-americana dos anos 1930 e 1940 batizará de "personalidade-base" (Benedict, 1934). Esse conceito não está ainda presente no livro sobre Vilarinho. Editado em 1948, o livro parece ser de facto anterior à descoberta de Ruth Benedict (1887-1948) — e, através dela, da antropologia culturalista norte-americana — que Jorge Dias fará, em 1949, quando o antropólogo norte-americano Charles Wagley (1913-1991), então de visita Portugal, lhe oferece um exemplar da

mente na sua dimensão política — é descrita em detalhe. Mas só mais tarde — na entrada "Comunitarismo", do *Dicionário da História de Portugal* — será caracterizada nas suas linhas gerais. Aí Dias escreveu que "nos casos mais típicos, como Vilarinho da Furna ou Rio de Onor, a organização toma a forma de uma espécie de democracia representativa" (Dias, 1963: 651) em que poder é exercido pelo conjunto das casas da aldeia, com delegação de funções de coordenação em vizinhos democraticamente eleitos.

[16] Estas excursões "comunitárias" de Dias deram nomeadamente origem a várias referências ao tema em *Minho, Trás-os-Montes, Haut Douro* (e.g. Dias, 1949: 52, 69, 65, 78). Será no âmbito dessas excursões que Jorge Dias alimentará o projeto de realizar uma monografia sobre Castro Laboreiro, que não se virá, entretanto, a concretizar (Plano de Trabalhos da Secção de Etnografia do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular para 1954, Arquivo do Centro de Estudos de Etnologia, MNE). Só muito mais tarde, com as pesquisas de Colette Callier-Boisvert (ver Leal, 2003) é que Castro Laboreiro entrará nos anais da antropologia portuguesa.

[17] Na entrada "Comunitarismo" do *Dicionário da História de Portugal*, Dias abandonará estas referências difusionistas, tornando mais nítidas as suas inclinações evolucionistas. De facto, aí, de uma forma mais clara do que em *Rio de Onor*, o comunitarismo é visto como representando uma "fase de transição entre certas comunidades primitivas, onde a propriedade da terra é imprecisa, ou não existe e a propriedade da terra individual, hereditária e transacionável" (1963: 650).

4.ª edição (de 1948) de *Patterns of Culture*[18]. Mas a partir de então o conceito de personalidade-base passará a ocupar um lugar importante na obra de Jorge Dias. Surge logo em 1950 num dos mais célebres ensaios de Jorge Dias, "Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa" (1990a [1953]). E será também explicitamente usado em *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (1953). Aí, no seguimento das teses de Ruth Benedict, Dias caracterizará como dionisíaca a personalidade-base rionorense (Dias, 1953: 541-543).

Nessas suas preocupações psicologistas, *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* anuncia assim a importância que a antropologia norte-americana — e, em particular, a escola "Cultura e Personalidade" — terá, a partir dos anos 1950, na reflexão antropológica — e já não apenas etnológica — de Jorge Dias (Leal, 2016).

UM ESPELHO SEM ALDEIA

Ponto de chegada da conversão de Jorge Dias à etnologia, ocorrida na Alemanha em 1941, *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária* (1948a) foi também o ponto de partida para os caminhos que a sua obra tomará a partir de 1948. Como referido no início deste artigo, o seu impacto não será tão grande como *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril* (1953). Mas contribuiu certamente para que o tema do comunitarismo se tenha tornado — como referimos antes — num tema recorrente não apenas na etnografia e na antropologia das comunidades rurais portuguesas, mas também em reflexões mais genéricas sobre a cultura portuguesa.

Menos promissor será, entretanto, o destino da aldeia de Vilarinho da Furna que, em 1972, foi submergida pelas águas da barragem do rio Homem. Documentado filmograficamente por António Campos (1971; ver também Costa, 2021: 199-252), o "fim" de Vilarinho foi também analisado nas monografias de Gladys Novais (1973) e de Manuel Antunes (2014) (este último um antropólogo nascido em Vilarinho).

A construção da barragem foi decidida em 1966. Em 1967, iniciaram-se as primeiras etapas da sua construção, que entrou na sua fase decisiva — a da construção propriamente dita — em 1969 (Novaes, 1973: 194), ano em que a Hidroelétrica do Cávado começou a "fazer os pagamentos de indemnização aos proprietários de Vilarinho" (Antunes, 2014: 59). Em outubro de 1970 foram afixados [na aldeia] editais a marcar o tapamento da barragem" (Antunes, 2014: 59) e iniciou-se a "retirada" (Novaes, 1973) dos habitantes de Vilarinho. Em tempos que eram de ditadura e em que ideias sobre

[18] Este exemplar de *Patterns of Culture* — com uma dedicatória de Charles Wagley, datada de junho de 1949 — encontra-se entre os livros de Jorge e Margot Dias doados por esta última ao MNE.

responsabilidade social das empresas e sustentabilidade não faziam parte da bagagem das elites políticas e económicas portuguesas, nem a oposição generalizada dos furnenses ao desmantelamento da sua aldeia (Novaes, 1973: 224-227), nem os seus mais óbvios direitos à propriedade (comunitária ou individual), foram respeitados. Os terrenos foram comprados a cinco escudos por m^2, um preço muito abaixo do seu valor de mercado (Antunes, 2014: 61) e "a retirada foi realizada exclusivamente pelos furnenses" (Novaes, 1973: 220). Estes tiveram que recorrer a um estradão que eles próprios construíram: "não receberam auxílio-mudança, nem apoio de transportes na deslocação. A população ficou abandonada para resolver um problema que lhe tinha sido imposto" (Novaes, 1973: 220). Ao contrário do que sucedeu mais recentemente com a aldeia da Luz (Alqueva) — também não foi construída noutro lugar uma aldeia alternativa, onde as 57 famílias de Vilarinho pudessem refazer em conjunto a sua vida como comunidade. Como escreveu Gladys Novaes, "em consequência da retirada [os furnenses] ficaram privados do contacto com os parentes no seu dia a dia" (Novaes, 1973: 202) e a comunidade entrou em processo de "extinção social" (Novaes, 1973: 238). De acordo com Manuel Antunes

> *Inundados os terrenos de cultivo, submersa a povoação e escasseando as terras cultiváveis nas redondezas, impôs-se a dispersão* [da população] *pelos concelhos de Terras de Bouro, Vieira do Minho, Amares, Vila Verde, Póvoa do Lanhoso, Braga Guimarães, Barcelos, Ponte de Lima, Ponte da Barca e Viana do Castelo* (Antunes, 2014: 61).

Chegava assim ao fim Vilarinho da Furna. Ao contrário de Rio de Onor — que depois da monografia que Jorge Dias lhe consagrou (Dias, 1953) se tornou numa "aldeia com espelho" (Brito, 1996) — de Vilarinho ficou o espelho — a monografia de Jorge Dias editada em 1948 — mas não a aldeia.

Fig. 1. Jorge Dias (à esquerda) em Vilarinho da Furna (fotografia de Álvaro Dias de Almeida, s/d). Cortesia do Arquivo Etno-Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia (Museu Nacional de Etnologia).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Manuel (2014). *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Afundada*, Lisboa, Regra do Jogo.

BENEDICT, Ruth (1934). *Patterns of Culture*, Londres, Routledge.

BRITO, Joaquim Pais (1996). *Retrato de Aldeia com Espelho. Ensaio sobre Rio* de Onor, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

CAMPOS, António (1971). *Vilarinho das Furnas* (filme).

CAMPOS, António (1974). *Falamos de Rio de Onor* (filme).

COSTA, Catarina Alves (1997). *Guia para os Filmes realizados por Margot Dias em Moçambique 1958 /1961*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia.

COSTA, Catarina Alves (2007). "Margot Dias. Pioneira do Filme Etnográfico Português", *Docs.pt*, Lisboa, Apordoc, pp. 36-40.

COSTA, Catarina Alves (org.) (2016). *Margot Dias: Filmes Etnográficos (1958-1961)*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia – Cinemateca Portuguesa.

COSTA, Catarina Alves (2021). *Cinema e Povo. Representações da Cultura Popular no Cinema Português*, Lisboa, Edições 70.

COSTA, Catarina Alves (2022). *Margot*. Lisboa, Midas Produções (filme).

DIAS, A. Jorge (1944). *Vilarinho da Furna: um Povo Autárquico da Serra Amarela,* Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwíirde der philosophischen Fakultàt der Ludwig-Maximilians-Universitàt zu München vorgelegt von Dr. António Jorge Dias aus Oporto/Portugal.

DIAS, A. Jorge (1948a). *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*, Porto, Instituto de Alta Cultura.

DIAS, A. Jorge (1948b). *Os Arados Portugueses e as suas Prováveis Origens*, Porto, Instituto de Alta Cultura.

DIAS, A. Jorge (1949). *Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro*, Lisboa Congrés International de Géographie.

DIAS, A. Jorge (1951a). "Contribution to the Study of Primitive Habitation", *Compte Rendu du XXVI Congrés International de Géographie*, Lisboa Congrés International de Géographie, pp. 107-111.

DIAS, A. Jorge (1951b). "Les Troupeaux Transhumants et leur Chemins", *Compte Rendu du XXVI Congrés International de Géographie*, Lisboa Congrés International de Géographie, pp. 23-31.

DIAS, A. Jorge (1953). *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Porto, Instituto de Alta Cultura.

DIAS, A. Jorge (1963). "Comunitarismo". SERRÃO, Joel (org.) *Dicionário de História de Portugal*. Vol. I, Lisboa, Iniciativas Editoriais, pp. 649-651.

DIAS, A. Jorge (1964). *Os Macondes de Moçambique. Aspectos Históricos e Económicos*, Vol. I, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

DIAS, A. Jorge (1981 [1948]). *Vilarinho da Furna. Uma Aldeia Comunitária*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

DIAS, A. Jorge (1990a [1953]). "Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa". *Estudos de Antropologia*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 135-157.

DIAS, A. Jorge (1990b [1955]). "Algumas Considerações Acerca da Estrutura Social do Povo Português", *Estudos de Antropologia*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 183-206.

DIAS, A. Jorge (1990c [1960]). "Tentâmen de Fixação das Grandes Áreas Culturais Portuguesas", *Estudos de Antropologia*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 159-181.

DIAS, A. Jorge e DIAS, Margot (1950). "A Encomendação das Almas", Separata das *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Vol. VIII*, 57 pp.

DIAS, A. Jorge e DIAS, Margot (1956). "A 'Recomenda das Almas? Como Elemento Cultural da Área Luso-Brasileira", *Douro-Litoral* 7.ª Série (III-IV), pp. 265-272.

DIAS, A. Jorge e DIAS, Margot (1964). *Os Macondes de Moçambique. Cultura Material*, Vol. II, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

DIAS, A. Jorge e DIAS, Margot (1970). *Os Macondes de Moçambique. Vida Social e Ritual*, Vol. III, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

DIAS, A. Jorge e DIAS, Margot (1972). "Moçambique". LIMA, F. C. Pires (org.), *A Arte Popular em Portugal*. *Ilhas Adjacentes e Ultramar*, Vol. III, Mem Martins, Verbo, pp. 9-247.

DIAS, A. Jorge; OLIVEIRA, Ernesto Veiga e GALHANO, Fernando (1963). *Sistemas Primitivos de Secagem e Armazenagem de Produtos Agrícolas. Os Espigueiros Portugueses*, Porto, Instituto de Alta Cultura.

DIAS, Karin (2022). Entrevista com João Leal e Catarina Alves Costa.

DIAS, Margot (1965). *Os Maganjas da Costa: Contribuições Para o Estudo dos Sistemas de Parentesco dos Povos de Moçambique*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

DIAS, Margot (1968). "A Dança e a Música". LIMA, F. C. Pires (org.), *A Arte Popular em Portugal*, Vol. III, Mem Martins, Verbo, pp. 209-238.

DIAS, Margot (1973). *O Fenómeno da Escultura Maconde chamada "Moderna"*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

DIAS, Margot (1986). *Instrumentos Musicais de Moçambique*, Lisboa, IICT.

FERNANDEZ, Sérgio (1963). *Recuperação de Aldeias. Rio de Onor (Bragança)*, Porto, ESBAP (CODA).

GEMELLI, Salvatore (1990). *Gerhard Rohlfs (1892-1986). Una Vita per l'Italia dei Dialetti*, Tarquini, Gangemi Editore.

GONÇALVES, Luísa (2023). *Relatório de Estágio Curricular no Arquivo Jorge e Margot Dias (Museu Nacional de Etnologia)*, Lisboa, FCSH (UNL), 26 pp.

GUERREIRO, Manuel Viegas (1966). *Os Macondes de Moçambique. Sabedoria, Língua, Literatura e Jogos*, Vol. IV, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.

In Memoriam António Jorge Dias, Vol. I (1974). Lisboa, Instituto de Alta Cultura-Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

LEAL, João (2003). "'Estrangeiros' em Portugal: a Antropologia das Comunidades Rurais Portuguesas nos Anos 1960", *Ler História* 44, pp. 155-176.

LEAL, João (2008). "A Energia da Antropologia. Seis Cartas de Jorge Dias para Ernesto Veiga de Oliveira", *Etnográfica* 12 (2), pp. 501-519.

LEAL, João (2016). "A Antropologia em Portugal e o Englobamento da Cultura Popular", *Sociologia & Antropologia* 6 (2), pp. 293-319.

LEAL, João (2021). "Os Anos 'Brasileiros' de Jorge Dias", Teles da Silva, Ana (org.), *Cartas do Brasil. Correspondência de Antropólogos e Folcloristas Brasileiros para Jorge Dias (1949-1972)*, Lisboa, Etnográfica Press, pp. 47-70.

LEAL, João (2023). "*Abreise aus Berlin*. Os Últimos Meses de Jorge Dias na Alemanha (1943--1944)", *Etnográfica* 27(2), pp. 495-525.

LUPI, João (1984). *A Concepção da Etnologia em António Jorge Dias. Teoria e Método no Estudo Científico da Cultura*. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia.

NOVAES, Gladys (1973). *Vilarinho das Furnas: de Aldeia a Albufeira*, Lisboa, ISCSPU (dissertação de licenciatura).

OLIVEIRA, Ernesto Veiga (1984). *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

PEIXOTO, Rocha (1967 [1908]). "Survivances du Régime Communautaire au Portugal. Abrégé d'une Monographie Inédite", Peixoto, Rocha, *Obras. Vol. I. Estudos de Etnografia e Arqueologia*, Póvoa do Varzim, Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, pp. 330-347.

PEREIRA, Benjamim (1965). *Bibliografia Analítica da Etnografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto da Alta Cultura.

RIBEIRO, Orlando (1938). "L'Habitat Rural au Portugal", *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Amsterdam* 1938, II (Travaux des Sections A-F), Leiden, UGI, pp. 137-144.

RIBEIRO, Orlando (1940). "Villages et Communautés Rurales au Portugal", *Biblos, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* XVI (II), pp. 411-425.

RIBEIRO, Orlando (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Coimbra, Coimbra Editora.

ROGAN, Bjarne (2015). "A Remarkable Congress and a Beloved General Secretary: CIAP/SIEF, Arnhem 1955 and Jorge Dias", *Etnográfica* 19 (3), pp. 567-576.

SOUSA, Tude (1907-1908). "Regimen Pastoril dos Povos da Serra do Gerez", *Portugália* II (3) e (4), pp. 646-652.

SOUSA, Tude (1909). *Serra do Gerez. Estudos, Aspectos, Paisagens*, Porto, Livraria Chardron.